

PATRICK BANON

Para conhecer melhor as religiões

Ilustrações
OLIVIER MARBŒUF

Tradução
ÁLVARO LORENCINI



claroenigma

Copyright © 2008 by Actes Sud

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Pour mieux comprendre les religions

Capa

Mariana Newlands

Preparação

Renata Nakano

Revisão

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Banon, Patrick

Para conhecer melhor as religiões / Patrick Banon ;
ilustrações Oliver Marbœuf ; tradução Álvaro Lorencini.
— São Paulo : Claro Enigma, 2010.

Título original : Pour mieux comprendre les religions.

ISBN 978-85-61041-52-6

1. Religiões - História 2. Religiões : Literatura infan-
tojuvenil 3. Mito I. Título.

10-02645

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Religiões : Literatura juvenil 028.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA

Rua São Lázaro, 233

01103-020 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

Sumário

Para compreender melhor a vida, 9

Introdução — Quatro mil religiões e um só mundo, 10

As religiões antes das religiões, 15

A invenção da agricultura e o nascimento dos deuses, 25

Tabus e totens: a sociedade humana se organiza, 33

Os rituais de passagem e de iniciação, 43

A humanidade, um destino comum... várias versões, 53

O dilúvio, um mito fundador, 75

Depois da vida: o além, o país sem volta, infernos e paraísos, 91

Os movimentos religiosos que construíram nosso mundo:
nenhum, um ou vários deuses?, 99

As religiões hoje, 103

O nascimento do monoteísmo: o judaísmo, 106

Um homem torna-se Deus: o cristianismo, 118

Um Deus, um profeta, um livro: o islã, 130

Libertar-se do ciclo dos renascimentos:
o budismo ou a era do despertar, 148

O caminho dos deuses: o xintoísmo, 152

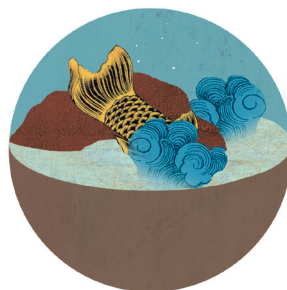
O hinduísmo: uma religião de mil cultos, 154

Os soldados da pureza: o sikhismo, 160

O que é o laicismo?, 162

Glossário, 164

Índice onomástico, 174



Para compreender melhor a vida

As religiões nascem, vivem e morrem à imagem dos deuses e dos homens que as animam. Os deuses viajam de um lugar para outro, trocam de nome e de forma, para diluir-se na memória coletiva. Como as suas divindades, as religiões são mortais, mas as perguntas que elas tentam responder jamais desaparecem. Crenças, mitos, ritos e símbolos se cruzam e se entrecruzam infinitamente.

O nascimento da vida, a própria vida e o pós-vida estão no centro do pensamento religioso. A preocupação de preservar a vida e de transmiti-la teceu através dos séculos e das religiões o fio que interliga os homens. Neste livro, a proposta não é de maneira alguma julgar ou medir a qualidade de uma crença em relação a outra, mas sim empreender uma pesquisa na história humana para decifrar as marcas espirituais, aprender a conhecer e a compreender melhor o Outro.

A diversidade cultural e religiosa que anima nossas sociedades é a garantia de nossa humanidade. Este livro tem por única ambição despertar em seus leitores a vontade de saber mais...

INTRODUÇÃO

Quatro mil religiões e um só mundo

O que é uma religião?

As concepções religiosas baseiam-se ao mesmo tempo na vivência e no irracional. Essa relação com um mundo de duas faces encontra-se na origem das civilizações.

Todas as religiões obedecem a um objetivo essencial: organizar e perpetuar a vida em sociedade. O verdadeiro deus, ao qual os homens devotam um culto, é antes de tudo a própria sociedade. Divindades e rituais têm um único papel: permitir a imortalidade do clã ou da tribo, depois a do povo e da nação. O culto de uma divindade não significa submissão a forças superiores, mas o desenvolvimento de um sistema privilegiado de comunicação com o divino.

Trata-se de encarar os três mistérios da existência: o nascimento, a vida e o pós-vida. O homem vai desenvolver diferentes sistemas de pensamento que irão levar a uma verdadeira codificação das relações humanas com o “sobrenatural”. Esses sistemas se adaptam ao entorno social do grupo: caçadores, agricultores, pescadores, nômades, sedentários, marinheiros ou **beduínos**...^{*} Os diferentes modos de vida levam a diferentes leituras da espiritualidade, mas não são nunca contraditórios. Na realidade, as religiões são todas fundadas em torno de princípios comuns:

1. Aprender a ler os sinais do universo — eclipses, tempestades, aparições da Lua e do Sol, estrelas cadentes,

^{*} O significado das palavras em negrito encontra-se no Glossário, na página 164.

meteoritos, tremores de terra, inundações e outros dilúvios — para adivinhar o desígnio divino e, se for o caso, tentar remediá-lo. Essas expectativas levarão ao aparecimento de divindades, notadamente celestes, terrestres e marítimas.

2. Criar seus próprios

símbolos para tentar influenciar as forças sobrenaturais e obter das divindades uma proteção contra a morte, a doença ou a esterilidade tanto das mulheres como dos campos. Essa medida levará à definição do puro e do impuro, do justo e do ímpio, do sagrado e do profano.

3. Criar ritos a fim de facilitar o nascimento das



crianças, a passagem dos defuntos para o outro mundo e preservar o ciclo natural da vida. Os ritos acompanharão os mitos e os cultos de divindades **ctônicas**, isto é, que reinam sobre a terra na primavera e no verão e sobre o mundo subterrâneo no outono e no inverno.

4. Organizar rituais

destinados a delimitar um espaço sagrado em que a comunicação com o divino será facilitada; esses espaços poderão ser encontrados em plena natureza, numa floresta ou no pico de uma montanha, e depois em templos organizados por **cleros**. Mas o homem procurará também encontrar em si mesmo o contato permanente com o divino. Ele sacralizará seu corpo por meio de sinais, de tatuagens, de escarificações, de feridas simbólicas, ou ainda pela prática do jejum ou pelo respeito a proibições alimentares.

Tempo religioso e tempo histórico não evoluem de maneira idêntica

Toda religião é antes de mais nada um fenômeno social, um comportamento coletivo que se assenta, entretanto, sobre as

consciências individuais.

O pensamento religioso tende a aproximar individualidades. O religioso não se limita a uma operação política. A religião ocupa-se da vida na sua dimensão eterna, enquanto a política se ocupa da vida na sua dimensão temporal. As religiões querem inscrever-se fora do tempo, enquanto a ação política se desenvolve no dia a dia.

Todavia, a política procura às vezes se apoiar em expectativas individuais de ordem espiritual para estabelecer sua legitimidade sobre a sociedade. Religião e política não evoluem, portanto, no mesmo espaço. A política age de maneira horizontal, estendendo-se de um grupo de indivíduos para outro, enquanto a religião se exprime de maneira vertical, procurando se estender acima do homem para ajudá-lo a identificar seu lugar e seu papel no universo.

Mesmo se a política procura dar uma dimensão intemporal à sua gestão cotidiana da vida humana, somente a religião evolui num contexto sagrado, isto é, fora das contingências profanas — numa lógica fora do tempo que deveria permitir ao homem projetar-se para além de si mesmo.

Ainda hoje, certos sistemas políticos tentam se apropriar dos sentimentos religiosos

de um povo para governá-lo mais facilmente. Essa mescla entre poder espiritual e poder temporal cria por vezes situações de conflito. O tempo religioso e o tempo político não estão destinados a se encontrar. Eles evoluem em dois espaços diferentes, como duas linhas paralelas que só se cruzam no infinito.

A lógica religiosa tem a ambição de construir a sociedade, e não de desmembrá-la. Portanto, é raro encontrar uma crença que exclui o Outro, sob pretexto de que ele seria diferente do modelo religioso. As organizações religiosas que seguissem essa lógica entrariam de fato num tempo que não é o seu, o da gestão política de uma sociedade.

Não existe trajetória religiosa

As crenças e as religiões não têm a vocação de “aperfeiçoar-se” e não partem de um grau primitivo para progredir ao mesmo tempo que a sociedade.

Uma religião não é um meio de transporte espiritual que se aperfeiçoaria, como uma carroça que se metamorfoseasse em um carro da Fórmula 1. Não é porque

uma religião é a mais recente que ela pode ter a última palavra e pretender ser o reflexo de uma consciência melhorada do lugar do homem no universo.

Da mesma maneira, uma crença não está mais próxima da verdade por ser mais antiga. Todas as organizações espirituais são o reflexo das mesmas preocupações humanas. E todas as respostas apresentadas têm lugar em contextos sociais, culturais, históricos e geográficos

particulares, mas jamais são contraditórias. Somente as tentativas de reescritura do passado para que ele corresponda ao presente é que criam contradições.

Para compreender melhor uma religião, portanto, é necessário fazer o esforço incessante de recolocar uma fé, uma organização espiritual, no seu contexto de origem: geográfico, climático, social e histórico.

